

## Em torno da cidade criativa

Nancy Duxbury, Carlos Fortuna, José António Bandeirinha and Paulo Peixoto

---



**Electronic version**

URL: <http://rccs.revues.org/5089>

ISSN: 2182-7435

**Publisher**

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

**Printed version**

Date of publication: 1 décembre 2012

Number of pages: 05-08

ISSN: 0254-1106

**Electronic reference**

Nancy Duxbury, Carlos Fortuna, José António Bandeirinha e Paulo Peixoto, « Em torno da cidade criativa », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 99 | 2012, colocado online no dia 04 Setembro 2013, criado a 02 Outubro 2016. URL : <http://rccs.revues.org/5089>

---

The text is a facsimile of the print edition.



## Em torno da cidade criativa

*A mudança do milénio trouxe consigo a importância crescente das indústrias ancoradas na cultura e na criatividade. Este facto alimentou um desejo internacional – que, na verdade, é recorrentemente encarado como um imperativo incontornável – que motiva as áreas urbanas a quererem tornar-se “cidades criativas”. A própria UNESCO fomentou este fenómeno ao criar a Rede das Cidades Criativas. Nas cidades criativas, conceito que emergiu e se consolidou a partir dos anos 1980, as atividades culturais e as indústrias criativas e culturais desempenham um papel crucial no fomento da “criatividade urbana” e contribuem para a emergência de mercados internacionais da nova economia criativa. À medida que a cultura e a criatividade vão sendo amplamente reconhecidas enquanto recursos-chave do desenvolvimento e da prosperidade urbana, a noção de “cidades criativas” vai invadindo as agendas locais e vai-se afirmando como um desiderato de grande parte das estratégias de desenvolvimento urbano e regional. Os processos de desindustrialização, as urgências de reestruturação e de revitalização económica e os desejos que movem políticas de requalificação insinuantes e mediáticas, sujeitas a evidentes efeitos de escalada, dão forma ao contexto em que a noção de “cidades criativas” se vai impondo.*

*Na sua versão inicial, em que aparecia muito associado a novas formas de marketing urbano, o espectro da cidade criativa assemelhava-se recorrentemente a “cópias de papel químico” transplantadas de cidade para cidade, considerando de forma muito limitada as especificidades culturais locais e as dimensões não económicas do desenvolvimento. Nas políticas urbanas e nos planos estratégicos, alimentados pela retórica da nova economia e da economia do conhecimento, a abordagem centrada nas cidades criativas tende a focar-se nos mercados internacionais e nos fluxos globais – aprisionando neste deslumbramento tudo o que vai do “talento” móvel ao investimento em capital, de modo a fazer circular internacionalmente performances e espetáculos de artes visuais destinados a turistas e visitantes com recursos financeiros e que possam ser atraídos para um determinado local. Nessa medida, o foco local de visibilização e de valorização da atividade cultural local passa a estar centrado nestas dinâmicas e nestes circuitos.*

*Através de investimentos cada vez mais significativos em infraestruturas culturais que se constituem enquanto etiquetas de um design arquitetural,*

*também por via de uma arte pública de grande pendor icónico, ou por intermédio de megaeventos, as economias culturais e as oportunidades e trajetórias de desenvolvimento parecem estar cada vez mais imbricadas. Neste contexto, trajetórias e percursos alternativos de desenvolvimento tendem a ser desvalorizados, exceto nos casos em que podem ser indicados como contrarreações à hegemonia deste rolo compressor. Porém, uma desigualdade de impactos começa a tornar-se evidente nesta forma “socialmente regressiva” de cidade criativa. Apelos a estratégias mais multidimensionais, mais nuanciadas, mais participativas, que sejam sensíveis às culturas e às diferenças locais e que prestem maior atenção à redistribuição de proveitos, são exigências em crescendo.*

*O ponto de partida deste número especial da RCCS é a tendência política predominante, ainda que fortemente criticada, ou ridicularizada enquanto fenómeno de moda, para que as cidades participem na corrida internacional das identidades que vão estando na moda e para que se envolvam no jogo da competitividade económica através de investimentos em projetos emblemáticos de arquitetura e da construção de lugares que visam atrair talentos criativos móveis. Contribuindo para uma assinalável renovação urbana e para estratégias de revitalização económica em várias cidades, essas abordagens tendem, igualmente, a negligenciar questões de equidade e de inclusão social, originando ruturas de comunidades criativas/artísticas existentes e favorecendo os maiores e os mais apelativos produtos culturais que circulam globalmente (exposições, performances, artistas), ao mesmo tempo que se sustentam ideologicamente em abordagens preocupadas com as culturas locais e os patrimónios ‘autênticos’. Não esquecendo que aquilo que seria uma resposta à crise, e um vetor de relançamento, acaba por estar na origem de iniciativas e de equipamentos sobredimensionados que podem agravar ainda mais, a médio e longo prazo, a já difícil situação de muitos locais.*

*Ainda que essa perspetiva de uma tendência para a mimetização continue a ser palpável, e que os modelos de circulação global ditem as suas leis, ela deixou de ser encarada como o único caminho possível para a renovação urbana criativa e para o desenvolvimento económico, sendo evidente a necessidade de propor e de analisar abordagens alternativas que sejam mais sensíveis às realidades e questões locais ambiental, social e economicamente sustentáveis; e atentas às questões da inclusão, da justiça e das realidades multiculturais. Os brilhantes holofotes políticos e mediáticos dos investimentos e das iniciativas das ‘cidades criativas’ – assim como a atenção conferida pelas agendas de investigação a esses desenvolvimentos – levaram a que outras opções culturais ficassem nas sombras. É tempo de explorar esses espaços alternativos, as ideias, as estratégias e as forças socioculturais em jogo e que podem conduzir-nos à elaboração de padrões alternativos de desenvolvimento criativo. Malcolm Miles, que questiona neste*

*número a emergência de uma cidade pós-criativa, e que é acompanhado nessa reflexão por outros autores que aqui escrevem, identifica as bases que podem fomentar uma discussão capaz de fazer evoluir as noções e ações vigentes de “cidade criativa”.*

*Assim, este número especial da RCCS procura reunir perspectivas criativas e interdisciplinares da socioantropologia, das artes e dos estudos culturais, da arquitetura, da política cultural e de outras disciplinas, examinando, a organização, os usos e imagens do espaço urbano em diferentes contextos geográficos, demográficos e urbanos. Esta diversidade de abordagens revela a necessidade de explorar vários modelos de desenvolvimento de cidades criativas, retirando o conceito e as dinâmicas que ele coloca em jogo das lógicas excessivamente instrumentais que os acompanham.*

Nancy Duxbury

Carlos Fortuna

José António Bandeirinha

Paulo Peixoto

